

Na sequência da iniciativa lançada pelo Conselho Geral (CG) da Universidade do Minho (UM), que visou a constituição de 40 Grupos de Trabalho (GT) a fim de disponibilizar ao Senhor Reitor um contributo, sustentado em reflexão aprofundada, para a elaboração do Planeamento Estratégico da UM, o GT constituído por João Luís Marques Pereira Monteiro (JM), Júlia Fátima Domingues Basto Oliveira, José Francisco Pereira Moreira (FM), Judite Maria Zamith Cruz, Isabel Cristina Santos Rocha (CR) e Frederico Jorge Guerra Dantas deu início à sua análise sobre as questões elencadas pelo CG, tendo definido como metodologia a adotar, a definição, primeiramente, de pontos-chave a discutir entre os elementos do grupo e, seguidamente, o desenvolvimento do conteúdo de cada um dos pontos-chave inicialmente definidos.

Nas reuniões de trabalho estiveram presentes (JM, FM e CR).

Desta análise resulta o texto que se segue.

- Entende ser oportuna a eventual fusão/reconversão ou extinção de unidades orgânicas de ensino e investigação, subunidades e de serviços?

O Grupo de Trabalho considera que não há uma definição única de modelo organizacional que seja passível de bons resultados. Isto quer dizer que a fusão ou reconversão de UOs pode acontecer mas questiona-se sobre a oportunidade de seguir esse caminho sem uma avaliação prévia do modelo actual.

Sobre uma decisão destas consideramos que não devem ser esquecidas algumas questões que podem condicionar decisões:

- Unidades Orgânicas foram criadas há apenas 3 anos;
- Competição com Universidades próximas designadamente Porto;
- Eventual reforma da Oferta Educativa a nível nacional;
- Manter o regime matricial ao invés de Faculdades (vantagem competitiva em relação à UPorto);
- Devemos flexibilizar a criação de oferta educativa permitindo alterações mais rápidas nos diferentes ciclos e para diferentes públicos.

Relativamente à reformulação de subunidades típicas (Centros de ID e Departamentos) considerou-se que o RJIES impôs um conjunto de regras que obrigam à clarificação das competências e suas sobreposições nestes 2 tipos de subunidades. Reconhecem-se os seguintes problemas:

- Em termos de Gestão nas UOs, os departamentos só são consultados (não têm poder de decisão que está reservada aos Centros nos Conselhos Científicos);

- A acreditação de Mestrados Integrados, 2ºs ciclos e 3ºs ciclos depende das avaliações obtidas pelos Centros de ID;

O GT não concluiu com uma sugestão mas considera que deve haver uma reflexão que permita ultrapassar estes problemas evitando sobreposições de competências.

- O que pode a Universidade do Minho fazer para melhor interagir com a comunidade e quais devem ser os seus parceiros estratégicos?

Valorizar a intervenção dos membros da UM (em particular os docentes/investigadores) em termos curriculares mais do que actualmente em que há uma excessiva preocupação com produtividade científica baseada em contabilização de artigos.

Cursos fora da UM vocacionados para necessidades do tecido empresarial (alguns dentro da UM mas focados em necessidades das empresas).

Incentivar doutoramentos em empresas.

Alguns destes parceiros (outras instituições universitárias e ou empresas) devem centrar-se em países de língua oficial portuguesa e países emergentes.

Outro aspecto relevante, prende-se com a capacidade de promover um “marketing científico” de impacto, que possibilite a captação de financiamento, levando as entidades financiadoras a acreditarem e a apostarem num investimento com retorno.

- Perante as adversidades financeiras com que a UMinho se está a defrontar, quais as soluções que poderiam ser encontradas para a superação deste problema?

Sendo uma universidade pública, quer seja Fundação quer não seja, está em 2012 obrigada a regras apertadíssimas (e idênticas para todas as instituições). Isto reduz a Autonomia Universitária, mas ao mesmo tempo impede que neste Grupo de Trabalho se consiga apontar uma solução miraculosa.

É sempre possível inventar, mas é preciso ter dados As intervenções podem ser a nível patrimonial, de gestão de Recursos Humanos, de angariação de Receitas Próprias, de ligação a

instituições com fins lucrativos, etc. Este GT não tem capacidade para propor soluções, mas decidiu levantar questões.

Por exemplo, vale a pena vender edifícios actualmente em uso?

É possível aumentar a rentabilidade de alguns espaços?

É possível concatenar Unidades em espaços mantendo ou não a sua independência?

*Fundraising* é uma actividade indispensável, ou melhor, importante, mas limitada pelas regras orçamentais. Como ultrapassar?

- Criando instituições privadas ou participando nelas?

Lutar pela possibilidade de participar em Instituições Privadas com Fins Lucrativos ou cingir-nos às Instituições Privadas sem Fins Lucrativos (ex. interfaces como PIEP, CCG, CVR, TecMinho, etc.)?

- Assumir a preocupação em limitar (por razões económico/financeiras) a participação da UM a menos de 50% nestas instituições sem fins lucrativos (existentes ou a criar)?

- Que estratégia e formas de organização devem orientar o desenvolvimento e a internacionalização da investigação da UMinho?

Aumentar a oferta educativa com cursos em língua inglesa (com especial relevância para os cursos de 2º e 3º ciclos).

Reforçar o Serviço de Relações Internacionais (ex-GRI) para atrair mais estudantes estrangeiros.

Incentivar a participação em Projectos Europeus.

Reforçar as competências de Serviços de Apoio à Preparação e Acompanhamento de Projectos.

Implementar uma solução de *Full-Costs* ou uma versão aproximada de Contabilidade Analítica.

Considerar possibilidade de reforço de e-learning ou mesmo b-learning (misto) para alargar a audiência.

- Quais entende serem as prioridades estratégicas da Universidade do Minho para os próximos quatro anos?

Manter-se uma Universidade de Investigação, multidisciplinar (em todas as valências em que actualmente é reconhecida).

Assegurar a sua independência de grandes universidades nacionais pois tem mérito e dimensão adequados (ver Relatório da EUA).

Garantir sobrevivência financeira com mais de 50% de receitas próprias privadas (excluindo destas os programas/projectos com financiamento OE).

Inovar e implementar novas estratégias de ensino e investigação.

A UM deve ter audácia suficiente para pretender ser reconhecida inequivocamente como a melhor universidade do país e implementar um plano rigoroso para atingir tal finalidade num prazo definido (e.g. 4 anos), canalizando recursos para tal.